

O IMPACTO DA SELETIVIDADE ALIMENTAR NO COTIDIANO DE PAIS E CUIDADORES DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Heloisa Lutgens de Paula – Universidade Anhembi Morumbi - 125221102404@ulife.com.br; Heloisa Olavo Santos - Universidade Anhembi Morumbi - 12522182513@ulife.com.br; Luan Reis Borges Santos Costa - Universidade Anhembi Morumbi - 125221100611@ulife.com.br; Vitor Lima Menegalli (Esp.)- Universidade Anhembi Morumbi – vitor.menegalli@ulife.com.br

RESUMO

Este estudo transversal observacional investigou os impactos da seletividade alimentar no cotidiano de pais e cuidadores de crianças com Transtorno do Espectro Autista (n = 16; Projeto Samuel Autismo de Piracicaba). Foram realizadas entrevistas estruturadas e aplicada a Escala de Estresse Parental (PSS). Resultados qualitativos indicaram que famílias de crianças seletivas fazem mais adaptações nas refeições, relatam mudanças em hábitos dos cuidadores e maior dificuldade em eventos sociais e percepção de julgamento. Porém, os escores da PSS não diferiram significativamente entre grupos (Grupo seletivo: M = 38,75; DP = 9,13; Grupo não seletivo: M = 41,50; DP = 7,95; $t(14) = -0,64$; $p = 0,53$), sugerindo ausência de associação entre seletividade e estresse parental na amostra.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Seletividade Alimentar; Estresse Parental.

INTRODUÇÃO

De acordo com Silva e Mulick (2009) e DSM-5 (2013), crianças com o Transtorno do Espectro autista (TEA) apresentam prejuízos diários na interação / comunicação social, comportamentos e interesses repetitivos desde a infância. A palavra “espectro”, introduz a ampla gama de apresentação dos sintomas, considerando a idade, o nível de desenvolvimento e características do indivíduo (SILVA et al., 2021).

Crianças com o desenvolvimento típico e com TEA possuem características semelhantes em relação a problemas alimentares, o que diferencia é a

frequência que esses comportamentos são emitidos (Curtin et al., 2015). Sendo assim, a seletividade e as dificuldades em aceitar coisas novas, fazem com que a inclusão de novos alimentos seja um processo difícil, possivelmente ocasionando algum transtorno alimentar a longo prazo. Comer requer a capacidade de processar estímulos sensoriais simultaneamente, e os alimentos possuem muitas características sensoriais (Hubbard et al., 2014; Paula et al., 2020).

Desse modo, a seletividade alimentar é caracterizada pela recusa ou aceitação extremamente restrita de alimentos, com base em critérios como textura, cor, temperatura, embalagem, marca, apresentação dos alimentos, sabor, cheiro ou aparência (Alves, 2024; Hubbard et al., 2014)

Além de afetar diretamente a saúde da criança, a seletividade alimentar compromete sua autonomia durante as refeições e pode intensificar comportamentos desafiadores, como crises de birra, agressividade e autoagressão. Em casos extremos, compromete-se não só a alimentação como também a convivência familiar, a rotina escolar e os momentos sociais (Oliveira; Marques; Ferreira, 2024).

Nesse contexto, é imprescindível considerar que o cuidado com crianças diagnosticadas com TEA geralmente é assumido por familiares ou responsáveis que enfrentam desafios constantes. Esses cuidadores vivenciam sobrecarga emocional, estresse conjugal, dificuldades financeiras e, muitas vezes, isolamento social, especialmente quando as dificuldades alimentares estão presentes (Alves, 2024). O momento da alimentação pode tornar-se uma fonte diária de tensão, exigindo que os cuidadores adaptem hábitos alimentares, utensílios e até o preparo dos alimentos para garantir que a criança aceite ao menos um tipo de refeição (Alves, 2024; Christiane et al., 2024).

Cunliffe et al. (2022) argumenta que, os estudos sobre a seletividade alimentar têm se centrado em prejuízos fisiológicos em vez de sociais e psicológicos, não apenas para as crianças, mas para os pais e cuidadores também, por crer que a criança apresenta comportamentos desafiadores nesses momentos, causando frustrações em espaços sociais, como na escola (Hubbard et al., 2014).

Segundo Misquiatti et al. (2015), a sobrecarga enfrentada pelos familiares afeta diretamente seu bem estar, apontando que a sobrecarga vivenciada se relaciona com a intensidade das demandas de cuidado, vigilância constante, dificuldades de comunicação com a criança, comportamentos repetitivos da criança e limitação de suporte externo.

Visto que existe um prejuízo iminente na vida de pais e cuidadores com filhos com seletividade alimentar, o objetivo desse projeto é o de investigar os impactos da seletividade alimentar dos filhos autistas no dia a dia dos pais e cuidadores.

MÉTODOS

Delineamento e população de estudo

O estudo foi do tipo transversal observacional, ou seja, os dados foram coletados em um período de tempo específico, com o objetivo de analisar a prevalência de uma condição, comportamento, ou característica dentro da população do estudo.

A população foi constituída por 16 pais e cuidadores, divididos em dois grupos, o Grupo Seletivos e o Grupo Não Seletivos.

Crítérios de Inclusão:

Para o Grupo Não Seletivos foram elegíveis para o estudo (N=8): (1) pais e cuidadores que fazem parte do Projeto Samuel Autismo de Piracicaba; (2) pais e cuidadores maiores de idade que possuíam pelo menos um filho diagnosticado com o Transtorno do Espectro Autista; (3) possuir pelo menos um filho que não tenha, em nenhum nível, seletividade alimentar.

Para o Grupo Seletivos foram elegíveis para o estudo (N=8): (1) pais e cuidadores que fazem parte do Projeto Samuel Autismo de Piracicaba; (2) pais e cuidadores maiores de idade que possuíam pelo menos um filho diagnosticado com o Transtorno do Espectro Autista; (3) possuir pelo menos um filho que tenha, em qualquer nível, seletividade alimentar.

Crítérios de exclusão

Foram considerados inelegíveis para o estudo: (1) pais e cuidadores que não fazem parte do Projeto Samuel Autismo de Piracicaba; (2) pais e cuidadores

menores de idade; (3) pais e cuidadores que não possuíam pelo menos um filho diagnosticado com o Transtorno do Espectro Autista.

Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada após assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, e se deu da seguinte maneira:

Aplicação da Escala de Estresse Parental (PSS: Parenting Stress Scale): A Escala de Estresse Parental (PSS) é uma ferramenta psicométrica utilizada para medir o nível de estresse percebido pelos pais e cuidadores em relação às demandas do cuidado de seus filhos, avaliando o impacto emocional e psicológico das responsabilidades parentais.

Aplicação de uma entrevista estruturada que abarcou: Como a seletividade alimentar dos filhos autistas influencia os hábitos alimentares, preferências e práticas dos pais e cuidadores no cotidiano familiar e investigou os impactos sociais da seletividade alimentar dos filhos, abordando como esse comportamento pode afetar a participação dos pais e cuidadores em atividades sociais, eventos e outros aspectos da vida social.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A comparação entre famílias de crianças seletivas e não seletivas com base na análise da entrevista qualitativa, mostra diferenças importantes na rotina alimentar, hábitos dos cuidadores e vida social. No grupo não seletivo, quase todas as famílias mantêm a alimentação habitual sem grandes mudanças. Já entre as seletivas, a maioria relatou adaptações como preparar refeições separadas, ajustar temperos, modificar apresentações e levar alimentos aceitos em saídas, embora algumas mantenham a rotina familiar.

Quanto aos cuidadores, aqueles do grupo não seletivo afirmaram não ter seus hábitos influenciados pela alimentação dos filhos. No grupo seletivo, alguns mudaram parcialmente suas preferências, consumindo alimentos aceitos pelas crianças, enquanto outros mantiveram seus hábitos e tentaram incentivar os filhos a se adaptar.

As diferenças também aparecem na vida social: famílias não seletivas relataram poucas dificuldades em eventos, enquanto muitas famílias seletivas afirmaram evitar saídas devido à recusa alimentar, estresse e isolamento. O

julgamento social também foi mais frequente entre os seletivos, que relataram críticas e incompreensão. Por fim, embora a maioria das famílias não seletivas não perceba impactos na convivência social, algumas famílias seletivas ainda enfrentam limitações, especialmente durante refeições.

Em síntese, famílias não seletivas apresentam rotinas mais estáveis, enquanto as seletivas vivenciam desafios maiores e constantes adaptações, mostrando que a seletividade alimentar pode afetar amplamente o cotidiano e exigir estratégias contínuas de enfrentamento.

Em relação aos resultados da Escala de Estresse Parental (PSS), entre os pais de crianças não seletivas, cinco apresentaram estresse moderado e três estresse baixo, com média de 41,5 e desvio padrão de 7,95. No grupo de pais de crianças com seletividade alimentar, cinco tiveram estresse baixo e três moderado, com média de 38,75 e desvio padrão de 9,13. A comparação entre os grupos, por meio do teste t, não indicou diferença significativa nos níveis de estresse ($t(14) = -0,64$; $p = 0,53$). Assim, na amostra estudada, a seletividade alimentar não se mostrou associada a maior estresse parental.

CONCLUSÕES

Conclui-se que a seletividade alimentar afeta práticas alimentares familiares e a participação social, exigindo estratégias e adaptações dos cuidadores.

Contudo, na amostra estudada, a seletividade não se associou a níveis mais elevados de estresse parental conforme medido pela PSS. Assim, as conclusões destacam impactos práticos e sociais da seletividade, mas devem ser interpretadas com cautela e limitadas à população investigada, dada a amostra analisada.

REFERÊNCIAS

ALVES, Tessa Cristine. **Análise do comportamento aplicada (ABA) e alimentação de crianças com transtorno do espectro autista: revisão integrativa e material instrucional**. 2024.

HUBBARD, K. L., et al. **"A comparison of food refusal related to characteristics of food in children with autism spectrum disorder and**

typically developing children". Journal of the Academy of Nutrition and Dietetics , vol. 114, n.º 12 , dezembro de 2014, p. 1981–87.

SILVA, Ávylla Germano Santos *et al.* Aspectos sensoriais e a seletividade alimentar da criança com transtorno do espectro autista: um estudo de revisão integrativa. **Research, Society And Development**, [S.L.], v. 10, n. 10, p. 1-10, 18 ago. 2021.

SILVA, Micheline; MULICK, James A.. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 116-131, mar. 2009.

FOMENTO

Este projeto foi realizado através do Programa Pró-Ciência do Ecossistema Ânima associado a Universidade Anhembí Morumbi, Campus Piracicaba.